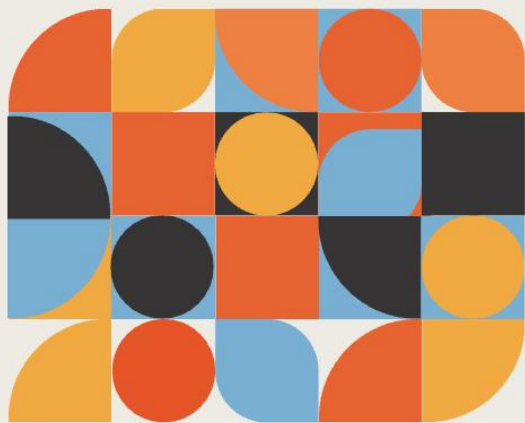




COSTURANDO AUTONOMIA: TRAJETÓRIAS DE EMANCIPAÇÃO DAS COSTUREIRAS EM CARUARU

Stitching Autonomy: Emancipatory Trajectories Of Seamstresses In Caruaru

Santos, Mayara Priscila Leal dos; Graduada; Universidade Federal de Pernambuco - CAA,
mayara.leal@ufpe.br¹

Lopes, Maria Teresa; professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco - CAA,
teresa.lopes@ufpe.br²

Grupo de Estudos em Formação do Olhar - GEFOL

Resumo: O artigo analisa como mulheres costureiras que prestam serviço para facções em Caruaru constroem significados de autonomia e emancipação em meio à precarização do trabalho. Por meio de entrevistas, identifica que essas mulheres desenvolvem estratégias de agência reveladas na gestão de seu tempo, aspirações empreendedoras, valorização do saber-fazer e negociação entre trabalho e família, revelando protagonismo mesmo em contextos de exploração.

Palavras chave: Mulheres Costureiras; Moda; Emancipação; Autonomia

Abstract: This article analyzes how female seamstresses who provide services to factions in Caruaru construct meanings of autonomy and emancipation amid precarious work conditions. Through interviews, it identifies that these women develop strategies of agency revealed in their time management, entrepreneurial aspirations, appreciation of know-how, and negotiation between work and family, revealing protagonism even in contexts of exploitation.

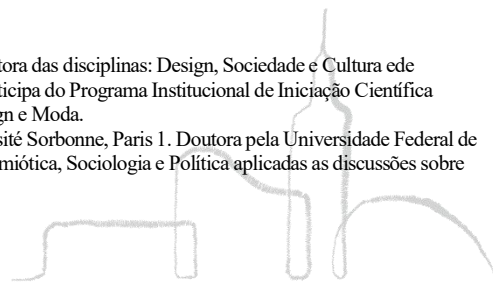
Keywords: Women Seamstresses; Fashion; Emancipation; Autonomy

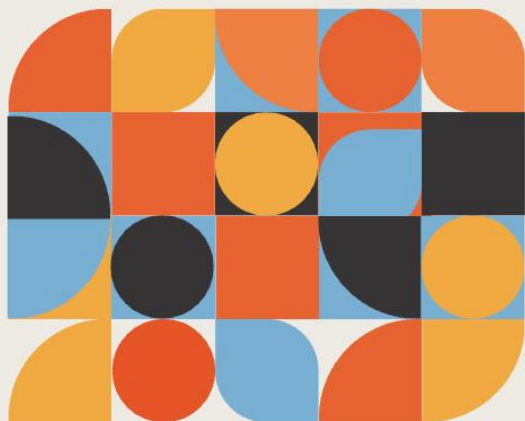
INTRODUÇÃO

O presente artigo é parte do projeto de iniciação científica denominado **As performances de gênero femininas no campo da moda no Agreste pernambucano e seus argumentos emancipatórios no mundo do trabalho: uma compreensão discursiva**. Desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Formação do Olhar - GEFOL,

¹ Graduada em Design no Centro Acadêmico do Agreste - Universidade Federal de Pernambuco - (CAA-UFPE). Monitora das disciplinas: Design, Sociedade e Cultura e Semiótica. Participante do Grupo de Estudos em Formação do Olhar (GeFol), extensionista no laboratório Carranca. Participa do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), modalidade voluntária, com pesquisa em Design Educação. Possui interesse nas áreas de: Gráfico, UX/UI Design e Moda.

² Pós-doutorado em Design Educação - PUC - Rio de Janeiro (em andamento); Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1. Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduiche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica, Sociologia e Política aplicadas as discussões sobre emancipação feminina, a moda e o design.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

organizado pela professora Teresa Lopes e que acontece na Universidade Federal de Pernambuco, Campus Acadêmico do Agreste, situado na cidade de Caruaru.

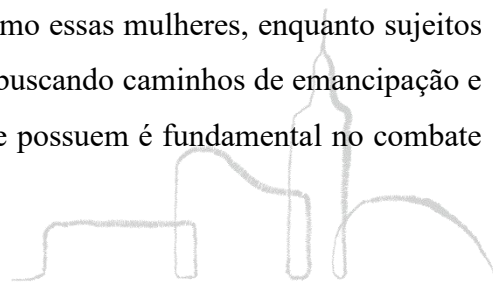
Como objetivo comum de todas as pesquisas que derivam do grupo, buscamos **compreender se a moda e o design de moda são um campo para a emancipação das performances de gênero femininas na região do Agreste pernambucano**. Mesmo partilhando do mesmo objetivo de forma ampla, este trabalho se difere dos demais quanto ao foco dado no processo de emancipação, visando investigar **como as mulheres costureiras, ligadas às facções na cidade de Caruaru, inseridas em um contexto de trabalho precarizado, articulam discursos, constroem práticas e mobilizam recursos (sociais, simbólicos, materiais) na busca por emancipação, autonomia e protagonismo em suas trajetórias profissionais e pessoais**.

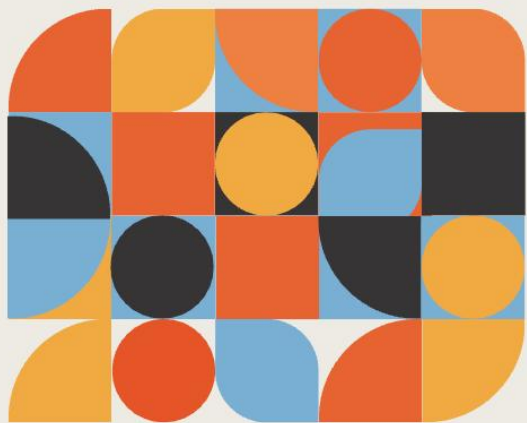
Desse modo, os objetivos específicos também estão voltados ao recorte próprio da pesquisa agora apresentada, são eles: (a) Identificar e analisar os diferentes significados atribuídos à "emancipação", "autonomia", "independência" e "realização" pelas costureiras no contexto de seu trabalho e vida; (b) Investigar como as formas de empreendedorismo (mesmo que informais e de pequena escala) operam como horizontes de emancipação e quais estratégias são mobilizadas para alcançá-las; (c) Compreender como a aquisição e o domínio de habilidades de costura e gestão (mesmo que informal) são percebidos e valorizados como capital pessoal e ferramenta para maior autonomia; (d) Entender como as mulheres lidam com as tensões entre demandas do trabalho precarizado, as responsabilidades familiares/domésticas e suas aspirações pessoais de emancipação.

JUSTIFICATIVA

A pesquisa vigente encontra justificativa na necessidade de aprofundar e compreender as dinâmicas de trabalho e vida de mulheres costureiras da cidade de Caruaru, que se configura como uma das feiras que formam o Polo de Confeções do Agreste e que geram em torno de R\$ 5 bilhões a cada ano, de acordo com dados do Núcleo Gestor da Cadeia Têxtil e de Confeções de Pernambuco (NTCPE).

Existe uma escassez de estudos que foquem na compreensão de como essas mulheres, enquanto sujeitos ativos, transitam por essa realidade, construindo sentido para suas vidas e buscando caminhos de emancipação e autonomia. Uma compreensão das ações, estratégias e enfrentamentos que possuem é fundamental no combate





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de uma visão vitimizadora e determinista, além de permitir um entendimento dos significados atribuídos pelas costureiras na busca por seu protagonismo no cotidiano do trabalho ligado às facções, que se configura como um dos elos mais precarizados da cadeia produtiva.

Sua relevância social está na contribuição para a desconstrução de estereótipos, na valorização da resiliência e do próprio conhecimento da história e realidade dessas mulheres. Seus resultados podem gerar ações de políticas públicas alinhadas às verdadeiras necessidades e aspirações dessas trabalhadoras, visando fortalecer sua autonomia. Além disso, possui uma relevância para as participantes uma vez que, buscando promover um espaço de escuta e reflexão, pode-se ter um impacto positivo no reconhecimento das próprias trajetórias e na articulação de suas demandas.

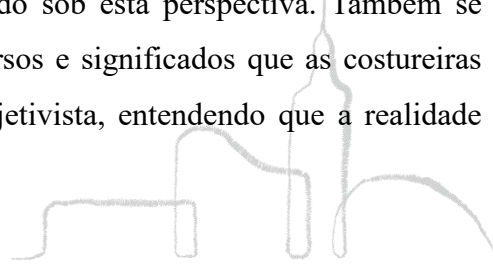
No campo acadêmico a pesquisa contribui para os estudos de gênero, trabalho e desenvolvimento pois pretende analisar empiricamente a relação entre a estrutura do trabalho e a resistência e busca por autonomia em um contexto específico do Agreste Pernambucano, investigando os impactos sociais da produção de moda na vida das mulheres que estão na base dessa cadeia.

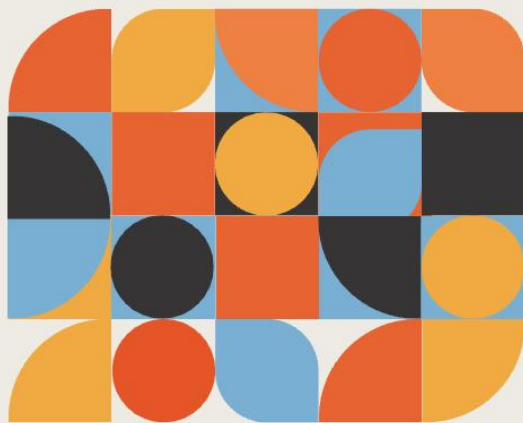
Dessa forma, uma compreensão dos processos emancipatórios das costureiras torna-se relevante por dar destaque à processos sociais complexos e muitas vezes invisibilizados, gerando conhecimento que será útil tanto para a academia quando para possibilitar transformações sociais.

METODOLOGIA

Esta investigação tem uma abordagem de caráter qualitativo, pois visa compreender fenômenos sociais complexos, significados, interpretações e experiências subjetivas das participantes que não podem ser facilmente mensurados por métodos quantitativos (Minayo, 2014). O universo da pesquisa contempla mulheres (pessoas que performam o gênero feminino) que trabalham como costureiras, prestando serviço ou em regime de facção, no Agreste Pernambucano, mais precisamente, na cidade de Caruaru.

Levando em conta os seus objetivos, essa pesquisa pode ser classificada como exploratória, pois busca uma maior familiaridade com o problema que não costuma ser analisado sob esta perspectiva. Também se configura como descritiva, por se propor a detalhar as estratégias, discursos e significados que as costureiras atribuem à independência e autonomia. Possui perspectiva crítica e subjetivista, entendendo que a realidade





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

social é construída intersubjetivamente e influenciada por relações de poder, buscando compreender essas dinâmicas de opressão e resistência (Foucault, 2013).

A coleta de dados será conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, por meio da técnica de amostragem em snow ball. As transcrições serão analisadas por meio da Análise de Discurso, com base em Foucault (2013) buscando identificar as relações de poder que permeiam os discursos das participantes sobre trabalho, gênero e emancipação, bem como de que modo suas subjetividades são constituídas e negociadas nesse contexto. Durante todas as etapas são feitos levantamentos bibliográficos, com estudos dirigidos para a fundamentação teórica utilizada, através dos dados obtidos por meio de entrevistas preliminares o presente artigo foi redigido.

DISCUSSÃO E ANÁLISES INICIAIS

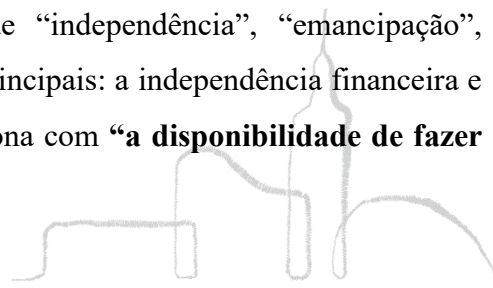
Quem costura o discurso?

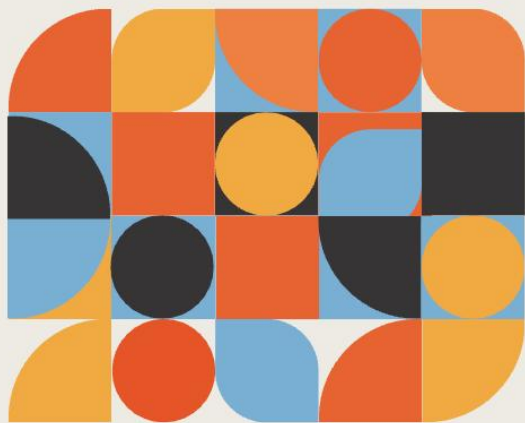
O Polo de Confecções do Agreste Pernambucano, composto por Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Toritama, se constitui como um dos mais relevantes centros têxteis do Nordeste brasileiro. É nesse contexto que as facções de costuras surgem como estruturas de produção fragmentada, com seu funcionamento acontecendo, na maioria das vezes, em ambientes domésticos e majoritariamente com mão de obra feminina.

Além das costureiras que integram esses espaços, há um número expressivo de mulheres que prestam serviços de forma autônoma para as facções, o que intensifica ainda mais o contexto da subcontratação e informalidade. São condições precárias de trabalho, com baixa remuneração, jornadas exaustivas e ausência de direitos, mas que não impedem a articulação de discursos sobre autonomia e emancipação.

A análise das entrevistas mostra como essas mulheres percebem seu trabalho, elaboram significados relacionados à autonomia e criam estratégias para conciliar as necessidades do trabalho com as responsabilidades de casa e desejos pessoais. É possível perceber que os discursos não são totalmente alinhados, mostrando a complexidade do fenômeno estudado.

Os significados atribuídos por essas mulheres à conceitos de “independência”, “emancipação”, “autonomia” e “realização”, mostram uma ligação com duas dimensões principais: a independência financeira e o controle do próprio tempo. Para a Costureira 01, a autonomia se relaciona com **“a disponibilidade de fazer**





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

meu horário”, apontado por ela como o que mais gosta em seu trabalho e reforçado quando fala **“Ter compromisso ao mesmo tempo poder decidir, escolher o que quero ou não fazer (no caso costurar)”** quando questionada sobre o que é ser independente. Conciliar responsabilidades do trabalho com as demandas da vida pessoal surge como um ponto de destaque na ideia que ela possui de autonomia.

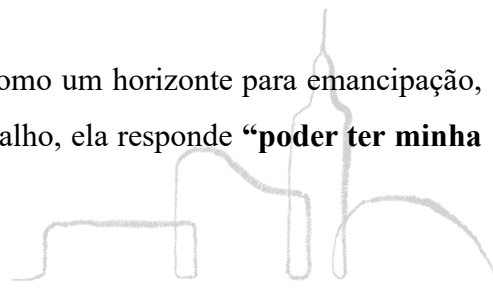
Essa ideia encontra confirmação quando Perrot (2017) discorre a respeito da característica histórica do trabalho feminino: as tarefas domésticas raramente são divididas e mulheres precisam constantemente organizar suas múltiplas jornadas e responsabilidades. Porém, há uma ressignificação por parte da entrevistada, conferindo um valor positivo ao encarar como uma forma de validar sua autonomia.

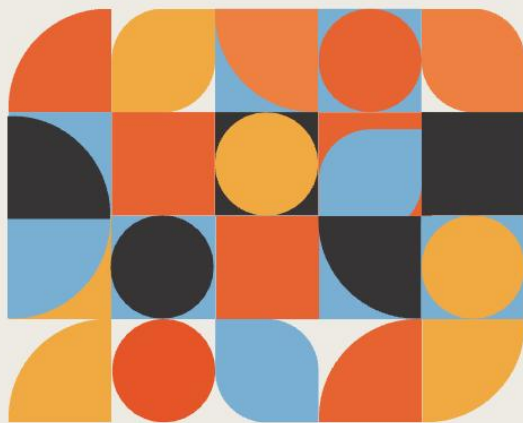
Na visão da Costureira 02, sua ideia de independência se encontra mais fortemente associada a não subordinação e propriedade do seu negócio: **“Ser independente não ter ninguém pra mandar na gente e ser dona do seu próprio negócio”**. Nessa concepção de autonomia é revelada uma aspiração mais ampla de emancipação, que ultrapassa a flexibilidade de horário e atinge um desejo de autonomia econômica e poder de decisão sobre a sua realidade mais completo.

Mesmo que ambas trabalhem em situações semelhantes, suas construções de significado são diferentes. Uma valoriza mais a flexibilidade ainda no contexto de prestação de serviço e a outra numa superação desse modelo, por meio do próprio negócio. Dessa forma, compreendemos que não existe apenas uma maneira de conquistar e buscar a emancipação, elas são construídas subjetivamente a partir das próprias experiências, aspirações e oportunidades percebidas por cada mulher. Como Butler (1993) afirma, os sujeitos se constituem na trama dos discursos e contextos em que estão imersos, utilizando as ferramentas disponíveis para dar novos significados às suas vivências e modos de existência.

Fraser (2007) afirma que para uma emancipação feminina é preciso uma solução que combine uma política redistributiva, que garanta às mulheres acesso a recursos materiais. No contexto das costureiras de Caruaru, mesmo com a precarização e os baixos valores pagos por peça, o trabalho nas facções representa uma possibilidade de obtenção de renda própria, constituindo assim um elemento, ainda que insuficiente, de autonomia econômica.

O sonho de ter o próprio negócio é importante pois se configura como um horizonte para emancipação, ao ser perguntado sobre sonhos ou planos para o futuro no âmbito do trabalho, ela responde **“poder ter minha**





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

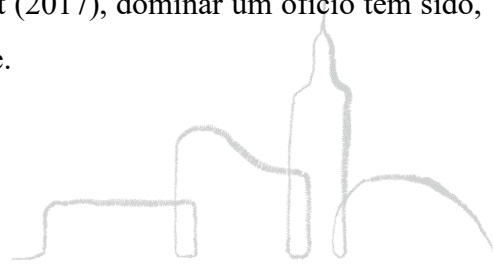
própria facção, melhorar financeiramente” (costureira 01). É possível perceber que ter o próprio negócio é visto como um meio para a melhoria de suas condições financeiras e, assim, desenvolver uma maior autonomia, porém a falta de investimento é vista como uma barreira difícil de ser ultrapassada. Já a segunda entrevistada expressa o desejo de deixar a costura **“Meus planos pra futuro é deixar de costurar e fazer outra coisa melhor”**, indicando um desejo mais distante do modelo em que se encontra hoje e, talvez, sua ascensão na cadeia produtiva.

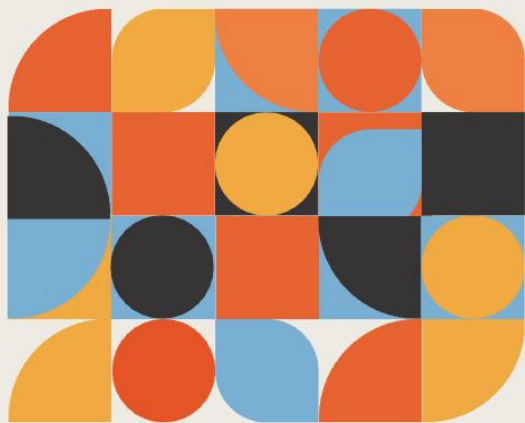
Essas aspirações empreendedoras podem ser vistas como estratégias de reconversão de capitais (Bourdieu, 2007), em que o conhecimento técnico e as redes sociais são mobilizadas na busca pelo capital econômico. Porém, a ausência de recursos financeiros para dar início ao seu negócio próprio acaba por limitar essa transformação.

As costureiras demonstram consciência coletiva quando falam sobre a valorização do trabalho por meio de uma tabela única de preços: **“Sim, se cada uma valorizasse seu trabalho e fizessem tabelas de preços únicos”** (costureira 01), e quando apontam a desvalorização imposta pelos fornecedores como um obstáculo (costureira 02). Conseguimos, assim, compreender que o desejo de autonomia individual está ligado também ao entendimento da necessidade de mudanças coletivas, revelando a complexidade das estratégias femininas dentro desse contexto.

Na busca por compreender como as habilidades de costura e gestão são percebidas como capital pessoal e ferramentas para a autonomia, as entrevistas mostram que as costureiras valorizam seu saber técnico, mesmo que reconheçam a existência de limitações. A Costureira 01 afirma: **“Tenho paciência para montar e fazer qualquer modelo”**, destacando tanto a habilidade técnica quanto atributos comportamentais como a paciência. Já a Costureira 02 é direta: **“Me considero uma profissional”**, revelando forte identificação com o ofício, apesar da precariedade do trabalho.

Reconhecer o saber-fazer remete à formação do olhar descrita por Lopes (2014), um processo de desenvolvimento de competências técnicas e estéticas que constitui um importante capital cultural no campo da moda, mesmo que pouco valorizado economicamente. Como afirma Perrot (2017), dominar um ofício tem sido, também para as mulheres uma fonte de renda, de identidade e de dignidade.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

As entrevistadas afirmam não terem feito cursos de costura ou gestão, o que acaba por limitar suas possibilidades. Existe o desejo em aprender com outras costureiras e também vídeos do YouTube, enquanto a que deseja abandonar a costura afirma não buscar nenhuma informação. Apesar disso, é possível ver as redes familiares como espaços de troca, ao relatarem que: **“Troco ideias com minha mãe, irmã, esposo e outras costureiras”** (costureira 01) e **“Minha mãe e irmã, que têm a mesma profissão”** (costureira 02) mostra como essas redes funcionam como capital social (Bourdieu, 2007), expandindo o acesso ao conhecimento e estratégias do cotidiano e às aspirações de crescimento.

Por fim, o quarto objetivo desta pesquisa busca compreender como as mulheres lidam com as tensões entre trabalho precarizado, responsabilidades familiares e aspirações de autonomia. As entrevistas mostram estratégias de gestão do tempo e negociação das prioridades, expondo tanto limitações quanto espaços de agência.

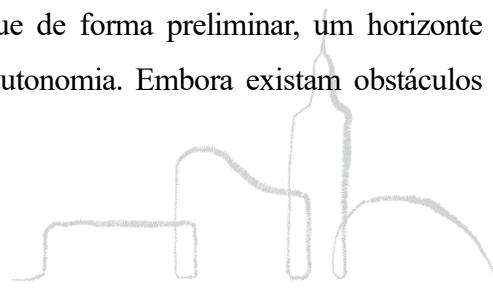
A Costureira 01 afirma: **“Estabeleço um horário para trabalhar e fazer as tarefas de casa.”** Já a Costureira 02 diz: **“Faço meu horário e tiro um tempinho pra cada coisa.”** Ambas utilizam a flexibilidade do trabalho de prestação de serviço para a facção como forma de administrar a dupla jornada, conciliando trabalho produtivo e afazeres domésticos. Mesmo que as entrevistadas não comentem a sobrecarga como problemática, ela pode ser um indicativo tanto de uma capacidade de agência, quanto uma naturalização do estado de exaustão.

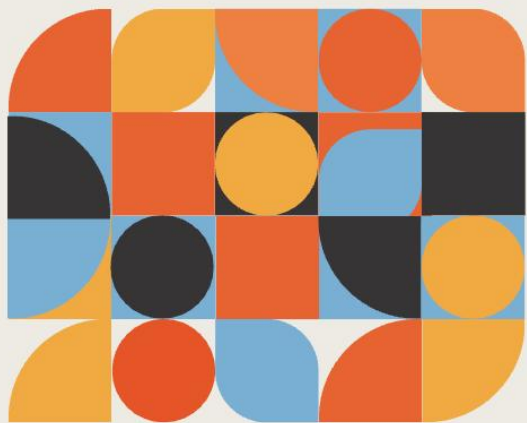
Em relação ao controle da própria vida, a Costureira 01 responde: **“Quando me sinto responsável por algo.”** Isso aponta o senso de responsabilidade como fonte de autoestima. Já a Costureira 02 opta por não responder, o que pode ser interpretado como sinal de desmotivação e ausência de perspectiva.

Da mesma forma a entrevistada não quis responder sobre a pergunta de conquistas pessoais, mas quando questionada sobre o que a motivava a continuar, respondeu: **“Porque não tenho outro em vista e estou no conforto da minha casa.”** Essa fala mostra uma dualidade, de um lado a falta de alternativas, do outro a vantagem de trabalhar em casa por possibilitar estar presente para outras demandas. Evidenciando uma contradição entre a precariedade e a flexibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas com as costureiras em Caruaru mostram, mesmo que de forma preliminar, um horizonte marcado pela precariedade do trabalho, mas também pelas aspirações de autonomia. Embora existam obstáculos





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

estruturais, as mulheres constroem espaços de agência por meio da organização do tempo, valorização do saber-fazer e seus desejos de empreender.

Associam autonomia ao controle do tempo e independência financeira, mas a realização concreta dessas ambições está travada pela falta de capital e de profissionalização. Apesar disso, a costura também aparece como fonte de identidade profissional e autoestima.

As costureiras mostram que possuem estratégias para equilibrar trabalho, família e vida pessoal, fazendo uso da flexibilidade que o trabalho em ambientes domésticos proporciona, ainda que exista a sobrecarga das duplas jornadas.

Por fim, essas mulheres não se mostram como vítimas passivas, mas como sujeitos que buscam, mesmo em contextos difíceis, construir significados e sua dignidade. Mesmo assim, ainda é preciso, além do esforço individual, uma valorização coletiva do trabalho além de transformações na estrutura do setor têxtil da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Tradução Veronica Daminelli; Daniel Yago. São Paulo: n-1 edições, 2019. (Original de 1993).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FRASER, Nancy. **Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 291-308, maio/ago. 2007.

LOPES, Maria Teresa. **Uma formação do olhar: o design da informação como conteúdo formador dos professores das licenciaturas brasileiras**. 2014. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Correa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

